NORMATIZANDO OS JOVENS

DESVIADOS: CORPORIFICANDO

NA SOCIEDADE CAXIENSE MOÇOS

E MOÇAS DESCPLINADOS SOB ÓTICA

DO JORNAL CRUZEIRO (1946-1958)*

JAKSON SANTOS RIBEIRO**

Resumo: o presente artigo apresenta uma análise acerca das representações constituídas em relação ao jovem, sob a ótica do Jornal Cruzeiro, periódico religioso que circulou em Caxias-MA, durante as primeiras décadas do século XX. Desse modo, problematizamos os discursos, como uma forma de buscar compreender os dizeres em prol da chamada juventude ideal. Assim identificamos que o jornal religioso buscava imprimir uma identidade ideal para o jovem caxiense, principalmente quando esse fazia menção sobre os “verdadeiros” princípios do jovem ideal para o Brasil e Caxias.

Palavras-chave: Jovem. Discurso. Representação.

A FONTE E AS NORMATIZAÇÃO DOS COSTUMES

O jornal o Cruzeiro foi um periódico que circulou em Caxias na primeira metade do século XX, que pertencia ao grupo de religiosos da cidade na época. O jornal Cruzeiro era um dos únicos periódicos de fato com publicação que ocorria sempre aos sábados, vezes nas quintas - feiras e nas segundas-feiras. Era um periódico que estava “direcionado aos setores da classe média e alta da sociedade caxiense da época” (SILVA, 2009 p. 32-33). O jornal emerge assim no cenário caxiense como uma imprensa que teria grande influência na sociedade, semelhante o principal jornal da cidade no caso, “[...] o Jornal do Comercio, que era dirigido pela família Teixeira, já havia deixado de circular a trinta anos na cidade.” (ATUNES, 2001, p. 32)

* Recebido em: 21.02.2017. Aprovado em: 15.03.2017.

** Doutorando em História Social da Amazônia (UFPA). Mestre em História Social (UFMA). Especialista em História do Maranhão (IESF). Graduado em História (UEMA). Professor Assistente I da Universidade Estadual do Maranhão (CESC/UEMA). E-mail: noskcajzaionnel@gmail.com

Um dado interessante que engendra nessa perspectiva é um seu *lugar social*, ou seja, os discursos que foram ecoados pelo jornal o Cruzeiro são carregados de valores e desejos desse lugar de onde o discurso é produzido. Nesse sentido é válido ressaltar que as pessoas pertencentes ao grupo de redatores faziam parte, em sua maioria da elite caxiense na época e a outra parte de “filhos da igreja” com autoridade religiosa para falar em um meio impresso de cunho informativo.

Segundo Caes (1995, p.09), uma das estratégias elaboradas pela igreja foi a preparação de um discurso doutrinal que tivesse uma amplitude muito maior que os sermões proferidos durante as missas. Nessa ótica, os discursos do Cruzeiro tinham a intenção de buscar cobrir todos os aspectos da vida pessoas tanto no que se refere aos aspectos pessoais quanto sociais das pessoas da cidade na época. Sendo assim instituía os padrões de comportamento apresentados pela igreja como os modelos a serem seguidos, para que o grupo social caxiense. Seria então a ideia de disciplinamento social dos sujeitos.

Nesse caso, os discursos do Cruzeiro, se enquadravam muito na perspectiva apontado por (CERTEAU, 1982, p.225), quando esse considera que os “textos flutuariam em meio ao seu contexto”, ou seja os discursos do jornal traziam na sua intenção a prerrogativa de normatizar uma sociedade, no caso a caxiense entre as décadas de 1940 e 1950.

O periódico religioso ocupava o status de “grande imprensa”, de “fonte da verdade” diante da sociedade caxiense. Assim como menciona em um dos discursos que capturamos entre as edições do periódico religioso o mesmo mantinha “Os Caminhos da boa empresa”, ou seja, uma forma de demonstrar seu compromisso com a verdade, pois sob a ótica da verdade o jornal se engrandecia diante do bojo social como o elo de “verdade absoluta” com o seu público.

A pouca imprensa onesta que ainda existe nas capitais e no interior deste paiz de aventuras, e que se firma numa ética de moral social e política, não visando somente seus interesses financeiros nem agradar a vaidade e o egoísmo de muita de grama de muita gente, ainda mantem no seu programa de batalhar pelo bem público – o respeito á verdade, vivendo alheia as sensações das mentiras convencionais (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão 25 de maio de 1958, nº. 962, p. 03).

A construção de um conceito de verdade diante da sociedade trazia para o jornal a credibilidade e apresentava-se como uma forma de garantir em Caxias um público fiel de leitores, como também de compradores do periódico religioso. Nesse sentido, Ribas (2009, p.37) aponta que os jornais religiosos que emergiram nas primeiras décadas do século XX eram denominados de “Boa Imprensa”, pois se tinha a supervisão de uma junta religiosa que definiam quais notícias seriam recomendáveis para sociedade. Sendo válido ressaltar que a utilização de um meio informativo pela igreja católica objetivava a normatização dos sujeitos.

Alimentado pelos padres, o jornal o Cruzeiro argumentava diante dos fatos e acontecimentos com respaldo bíblico e onde as explicações religiosas não supriam os redatores religiosos buscavam respaldar-se em uma explicação dos discursos higienistas, pois é válido ressaltar que a emergência do jornal coaduna com a forte intensificação das ideias higienista no Brasil da época.

O jornal salienta em suas páginas o respeito que a sociedade caxiense tinha em relação a Igreja Católica e os regentes da mesma na cidade. E isso é perceptível na homenagem que é realizada para o bispo da cidade na época.

Ao Evangelizar Dom Luiz Marelim dirigiu particularmente aos alunos do Ginásio Caxiense, que fazia sua páscoa coletiva dizendo-lhes palavras de estímulo e conforto moral agradecendo também a presença a esta cerimônia. Após os atos religiosos, S Excia. Revdma. Ao sair do adro da Catedral foi recebido por calorosa salva de palmas sendo cumprimentado por todos da numerosa assistência, abrilhantado a cerimônia a filarmônica <<14 de julho>> (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão 19 de abril de 1947, n.º. 589, p. 03).

O jornal também dava conta dos fatos sociais tendo uma coluna especificamente para relatar os acontecimentos da sociedade caxiense. Informando os nascimentos, os noivos das pessoas ou mesmo quem iria chegar à cidade de Caxias.

As despedidas também eram retratadas como uma forma de demonstrar um lado de irmandade em relação aos filhos que deixavam a terra gonçalvina para ir morar fora ou mesmo estudar, como era o caso de muitos jovens.

Transcorreu ontem, a data do natalício da exma Sra. D. Nadya Ribeiro Brandão, digna esposa de nosso amigo Antonio Brandão.

Fazem anos hoje, o esperançoso jovem José Barros, presado filho de nosso amigo, d. Rosalina Pinto Barros, desta cidade. Amanhã, defluirá a data natalícia de nosso distinto conterrâneo, capital Clovia Lemos, que mui tem se distinguindo na Aeronáutica Nacional. A 4 do corrente, decorrerá a efeméride natalícia de nosso egrégio conterrâneo, Dr. Paulo Martins de Sousa Ramos, ex-interventor do Maranhão, que, durante sua operosa administração, muito trabalhou pela organização econômica e cultural do seu estado natal (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 0 de maio de 1947 n.º. 590, p. 06).

O posicionamento do jornal nos fatos do cotidiano, mesmo aqueles irrelevantes, traziam imbricados na sua análise as características de uma base respaldada na esfera do discurso religioso. Segundo Certeau, a “imprensa representa esta articulação do texto no corpo mediante a escritura. Seguindo essa premissa do autor, a ordem pensada – o texto concebido – se produz em corpos – os livros – que a remetem, formando calçamentos e caminhos, redes de racionalidade através da incoerência do universo” (CERTEAU, 2008, p. 236).

Por meio de seus textos, o *Cruzeiro* tencionava orientar a conduta e a visão de mundo dos caxienses. O *status* de “comprometidos com a verdade” era uma posição que dava confortabilidade para que os articulistas do *Cruzeiro* repreendessem as ideias e práticas defendidas pelos outros jornais que circulavam na cidade, que não se adequava aos princípios da boa imprensa cristã defendido pelo noticioso religioso.

Nesse compasso, o jornal se tornava veículo para divulgar os princípios religiosos e morais, como também expandia, o catolicismo para além dos espaços do templo religioso.

A ideia de controle social que é exercido pelo discurso do jornal de processa na perspectiva de Foucault, quando ele fala do poder *Panóptico*, que [...] funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graça a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens: um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde se exerça (FOUCAULT, 2009, p. 134).

O Cruzeiro enquadra-se, em seu contexto, com ideias regentes em relação ao poder temporal, e tinham como propósito a normatização dos corpos. Nesse caso, podemos identificar a própria atuação da elite local através do jornal católico em apresentava seus pareceres sobre os acontecimentos citadinos demonstrando um jogo de interesses constituídos na relação do discurso religioso com os segmentos abastado de Caxias, e também uma forma de pensar uma sociedade sob a ótica de um lugar social em que indivíduos caxienses (homens e mulheres da época) não ocupavam. Nessa ocasião recai na afirmativa de Foucault (2002) que:

[...] é o diagrama do poder que não atua do exterior, mas trabalha o corpo dos homens manipulando seus elementos, produz seu comportamento, enfim, fabrica um tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade[...] (FOUCAULT, 2009, p. 17).

O Cruzeiro construía suas regras no jogo informativo, que por sua vez adentra aos lares dos caxienses impondo formas de ser e comportar-se diante das situações, como forma de manter o controle sobre as condutas dos caxienses. O jornal, por se tratar de um informativo religioso, se caracterizava como a imprensa mais respaldada no baricentro das questões sociais.

O corpo de redatores do Cruzeiro era constituído por pessoas que faziam parte da elite social caxiense, ou seja, sua visão era baseada na construção de valores que circulavam na teia social dessa elite local na época.

No jornal Cruzeiro, eram as concepções de mundo da elite caxiense que se viam representadas, essas representações eram compartilhadas pelos leitores dos periódicos, haja vista que eram consideradas as relações sociais entre o falante e ouvinte. Percebe-se com isso, que se trata de uma relação *horizontal* estes partilhavam dos mesmos princípios e lugares sociais são católicos elitistas, conservadores e burgueses (REIS, 2010, p. 25).

A visão burguesa sobre o cotidiano dos citadinos caxienses estava sempre a mercê de uma construção desses segmentos abastados da sociedade caxiense, o que denota que as práticas escrituristas desses articulistas construía acerca dos comportamentos que estavam ligados ao lugar social em que muitos dos sujeitos caxienses não ocupavam.

Esse pensamento que se configurou na cidade por parte dos redatores se processava através de uma visão social que buscava normatizar uma forma de ser a partir dos princípios religiosos, nesse caso era uma prerrogativa essencial para o Jornal o Cruzeiro.

Na redação destes jornais, destacavam-se os homens que compunham o judiciário, chefiavam a política, o exército, a administração, os que decidiam sobre a educação faziam sermões religiosos votavam e eram efeitados, enfim, aqueles que participavam dos órgãos político-administrativos. Eles eram, ao mesmo tempo, os redatores e os feitores dos principais jornais da cidade; prescreviam as formas de ser “distinto” e “civilizado”, que incluíam modelos [...] familiares (PEDRO, 2008, p. 282).

Essa escrita percebia homens e mulheres com suas construções sem notar que estas representações eram alheias aos verdadeiros modos de viver de muitos caxienses e faziam considerações que não entravam em conexão com a realidade desses indivíduos fora da elite caxiense.

Mas os discursos do jornal o Cruzeiro trazia o enaltecimento das bases religiosas dos preceitos da Igreja e dos paroquianos. Uma prerrogativa que era pertencente a todos por que em sua maioria as pessoas eram católicas. A elite caxiense trazia em suas considerações a visão de uma cidade para além das possibilidades de muitas pessoas, porém as suas considerações eram a partir de suas experiências, das visitas em outras geografias do território brasileiro.

As pessoas com condições abastadas, nessa perspectiva, apesar de manterem seus status por pertencerem à alta classe caxiense, e também por visitarem outros espaços geográficos, não deixavam de preservar as suas tradições como, por exemplo, irem as missas pela manhã e depois aproveitar as praças para presentificar junto aos outros cidadãos da época as formas de lazer que a cidade de Caxias oferecia para os cidadãos. Os festejos eram esses momentos de reunião das pessoas da cidade, pois poderiam aproveitar para ver o movimento de Caxias e conversar com amigos e parentes.

Em Caxias, como em muitos lugares do Maranhão e do Brasil as pessoas mantinham essas tradições como uma forma de continuidade das suas crenças, costumes e tradições construídas. O Festejo de São Benedito, um dos mais tradicionais, traziam à tona os momentos de lazer e das práticas sociais de Caxias nas décadas de 40 e 50.

As celebrações eram vitais para manter os laços afetivos e sociais não só da família, mais de outros grupos sociais, que após as celebrações tinham a oportunidade de manter a conversa em dia com amigos. As atividades da igreja, como essas eram também noticiadas nas páginas do semanário católico, uma forma de mostrar como a igreja era uma instituição atuante na cidade.

EM NOME DE UMA GERAÇÃO IDEAL, “LIVRA-NOS DOS JOVENS TRANSVIADOS”

A vida moderna que transcorre nas cidades dava aos seus sujeitos os compassos de um novo ritmo, que nem de longe se assemelhavam às cidadelas que existiam no início do século XX. No Brasil, passava-se por um intenso processo de urbanização nos fins dos anos 1940 e início dos anos 1950, embalado pelo acelerado das grandes indústrias, como também as ações dos movimentos sociais na busca por reivindicação de direitos, um sinal de inquietação social diante dos problemas de cunho político e econômico.¹

Esses aspectos configuram no bojo social das práticas dos sujeitos a incorporação de sistemas simbólicos para identificação da sua própria identidade enquanto indivíduo partícipe da sociedade.

As feições dessa juventude, no caso particular dos últimos cinquenta anos, podem ser vislumbradas a partir de dimensões sociais ligadas, sobretudo às profundas transformações no campo dos costumes – padrões de consumo, moda, sexualidade, casamento, relações com a família, uso de drogas, inserção no mundo de uma política reconceitualizada, usufruto do corpo, proposição de novos caminhos para sociedade e para a cultura, proteção do Estado, expansão da tutela da família. É necessário acrescentar que os modelos de juventude da segunda metade do século XX, no quais ainda, em parte, nos pautamos, guardavam profunda relação com a consolidação de economias emergentes e promissoras, com um Estado que se prometia do bem-estar social e ainda com as possibilidades, vistas como ilimitadas, de expansão do emprego e do consumo em economias prósperas e relativamente livres. Tais modelos de juventude talvez já tenham entrado em colapso,

acompanhando o fim da utopia de Estados com aquelas características (QUEIROZ, 2006, p. 273-4).

A representação dos sujeitos de espíritos rebeldes salta como uma forma de apresentar para sociedade uma fase da vida humana que precisa de disciplinamento e orientação cívico religiosa, considerações estas, que eram pertinentes aos discursos do periódico católico *Jornal Cruzeiro* em relação aos jovens caxienses que se alimentavam de uma ânsia de vivenciar a vida, sem limites e sem pensar no amanhã.

Esse espírito descontrolado e sem muitos limites é, no discurso do jornal, um problema para proposta do futuro de um país composto de pessoas, que buscavam o progresso e tivesse um espírito patriótico para com o país.

[...] a parcela ultraconservadora da Igreja Católica se articularam no sentido de frear esse ímpeto juvenil buscando resgatar os valores que edificaram as famílias ocidentais em décadas anteriores, cuja sustentação repousava no sistema patriarcal, onde se sobressaia a rigidez hierárquica, o respeito aos bons costumes e a moral cristã (ALVES, 2009, p.102).

O jovem, na percepção discursiva do *Cruzeiro*, é um sujeito, que deveria viver para que o amanhã se tornasse um presente muito rápido, porém vive com um imediatismo aflorado, uma característica que se processou como uma particularidade dessa fase da vida em contextos posteriores.

Nessa ótica, o jovem que se constitui no discurso do *Cruzeiro*, se envereda como um sujeito que entra em colisão com o mundo adulto para se firmar como pessoas de opiniões e atitudes diante da vida. Ser jovem vai se configurando nas temporalidades, a partir de linguagens, músicas e costumes que vão modelando a própria identidade de jovens até mesmo enquanto gênero. Para a sociedade brasileira nos anos em que comporta nossa temporalidade de análise, a percepção do que é ser jovem vai perpassar como indivíduos de práticas rebeldes.

Nesse sentido, o jornal buscava manter um discurso em defesa da moral social, assim notamos que em suas páginas o periódico religioso se voltava para corporificar na sociedade caxiense um sentido de jovem que pudesse manter o equilíbrio social de forma disciplinada e normatizada. Com isso, o *Cruzeiro* coloca que as energias que os jovens detinham deveriam ser canalizadas para se desempenharem uma função social relevante para sociedade.

Apenas a mocidade com fundamento no estudo, é susceptível de grandes empreendimentos. A velhice, ao com-contrario, com fôrças já dissipadas, ao invés de grandes idéias, apóia-se na técnica. È a experiência; e a força sob o aspecto de fontes de preceitos, os quais são de suma importância para que a mocidade exerça seu domínio construtivo sobre bases sólidas. [...] A mocidade traduz a atividade na sua mais lidima expressão (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado 2 de outubro de 1956, p. 01).

O importante para o jornal era que se formasse na sociedade caxiense da época uma geração de jovens capazes de implantar o progresso na cidade e no país, como também uma forma de garantir nas constituições familiares futuras, sujeitos de responsabilidade para com as funções da instituição familiar.

Nesse sentido, o jornal apontava em suas páginas exemplos de jovens cujas ações estavam voltadas para mostrar o quanto era louvável para cidade, como para nação, quando o jovem fazia uso das energias para o bem estar social. Um desses foi, o exemplo dado, pelo jornal acerca de Libânio Lobo, caxiense e filho de das famílias tradicionais da cidade:

O eminente brasileiro, que é Plínio Salgado, já não tem dúvidas quanto ao fracasso irremediável da gente, que nesta era toma conta do Brasil. Sua fé é na geração que, no futuro, terá o encargo de comandar a Nação.

O jovem Libânio Lobo, atual Delegado Fiscal do Tesouro Nacional no Maranhão, é um desses caxienses que honram sua terra.

Sua figura juvenil contrasta com as responsabilidades do corpo, que exerce. Sua ação retilínea e enérgica causa entusiasmo á maioria, mas desgosta alguns. Nada mais claro na época que transcorre.

Reserve-se, pois a condenação para o momento em que o jovem caxiense capitular diante de suas próprias convicções de honestidade, entregando se a aventura da prosperidade fácil. Será porventura explosão de recalques o dar se a lição honesta a própria mansão, antes de exibi-las aos estranhos?! (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado 2 de outubro de 1955, nº. 876, p. 01).

Por isso que em outro momento, o articulista aponta, “[...] onde não existe mocidade esclarecida centrada pelo estudo, todo e qualquer problema, por mais fácil que seja a respectiva solução se configura difícil” (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado 2 de outubro de 1956, p. 01).

No jogo das palavras o jornal atribui ao jovem caxiense uma identidade oposta às práticas de muitos jovens da época, salientando um padrão a ser seguido, colocando sempre as vantagens que se poderia ter quando adquirisse hábitos de jovens respeitosos e comprometidos com os princípios morais da sociedade caxiense.

JOVENS [...]

Conduzi vosso porti varonil

Tão natural no jovem brasileiro,

Palpitando no peito juvenil

Não fuja da batalha como vil,

Inda mesmo que tombe o derradeiro

Irmão na luta, amigo e companheiro Na defesa da honra do Brasil

Erectos marchai, indiferentes,

Aos dizeres dos torpes maldizentes,

Que estão sendo levados de vencidas

Segui sorrindo, consicios da gloria,

Pra cantar o epinício da vitória

No coração da Pátria estremeçada!.... (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Quarta-feira 12 de maio de 1948).

A preocupação com os jovens e suas práticas rebeldes se processa também uma forma de garantir as distinções de gênero, pois se era firmado na sociedade indivíduos jovem

disciplinados também se garantia homens e mulheres, que por sua vez ocupariam no futuro seus papéis sociais de forma “natural”.

As regras que governam a produção apropriada dos atos de linguagem levam em conta as relações sociais entre o falante e o ouvinte [...] a presença de tais regras é relevante não só para o falante, mas também para o ouvinte, que com base em tais regras pode ter alguma expectativa em relação a produção linguística do falante (GNERRE, 1998, p. 06).

Essa maneira de ver os sujeitos ainda era pertinente na sociedade, principalmente na década de 50 como afirma Bassanezi (2008, p. 608):

As distinções entre os papéis masculinos e femininos, entretanto, continuavam nítidas; a moral sexual diferenciada ainda permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez, mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem, o “chefe da casa”.

A ideia de disciplinar os jovens normatizando comportamentos seriam uma forma de constituir, na prática, pessoas que não se voltassem para uma vida desregrada de princípios errôneos, pois é bem expressivo na época a ideia que os jovens seriam os senhores e senhoras do amanhã.

Sobre esta ótica, o jornal apresenta uma poesia em que, o caxiense que faz a chamada para os jovens da cidade como se faz necessário naquele contexto, ter uma juventude consciente dos seus atos e responsabilidade, por isso o título é o despertar dessa força jovem em prol de uma nação melhor.

DESPERTA, MOCIDADE!

Torres da Rocha

Oh! Mocidade, desperta
E escuta que a voz de alerta
Brandando, em praça deserta,
Nem ÉCO produz, distante!

Caxias contigo conta
E a voz da razão de aponta
O papel de grave monta,
Que a tí cabe, neste instante!

Entregue te! Fica de pé!
Reune energia e fé!
Pois o momento não é
De indolência ou timidez!
Que Deus te dirija os passos;
Dê mais forças aos teus braços

E atenua os embaraços
Para que nada receites!

Porquanto, em cada problema
Veras gravidade extrema,
Que exige força suprema,
Para vencer-lhe os entraves!

Mas nunca has de ser convarde,
Embora acordando tarde,
Deves te impor com alarde
Aos empecilhos mas graves!
E mais nada há por que temas!
Dissiparás os dilemas
E enfrentarás, os problemas
Com todas as energias!

E sentiras, desde o início
Que é sublime o sacrifício
Batalhar em benefício
Da terra << mater >> - Caxias (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Segunda- feira,
01 de agosto de 1955, nº. 870, ano XXIV, p. 01).

A chamada, como aponta o autor do poema é uma maneira de representar a importância da ação dos jovens para o crescimento da cidade. Como é frisado durante cada estrofe a transformação do espaço citadino se configuraria apenas com intervenção dessa força jovem.

Na tentativa de apresentar formas de controle o Cruzeiro traz em uma de suas edições que uma solução encontrada pelo país, no Rio de Janeiro poderia ser aplicada em Caxias. O jornal enfatiza que escotismo é uma solução bem eficaz para normatizar os jovens vistos como “sujeitos desviados”.

O ESCOTISMO E A JUVENTUDE TRANSVIADA

O escotismo andou um tanto esquecido, de uns tempos pra cá, entretanto voltou a ocupar o lugar que merece no destaque no noticiário, pois é movimento sadio, patriótico, humano que merece de todos os apoios. Quando um dos problemas atuais sérios do mundo é a juventude transviada, o escotismo muita atenção. Estávamos lendo que um educador americano alarmado com o elevado índice de criminalidade juvenil nos Estados Unidos procurou um país de menor incidência, a Itália, e lá passou 6 meses procurando descobrir o por que e chegou à simples conclusão de que se baseia ainda no antigo hábito dos filhos terem respeito e deverem obediência aos pais. Quando os nossos pais enfrentam também o problema - influência de cinema – é bom lembrar o 8 ou 80, nem o carrancismo do patriarcado em que os filhos nem comiam à mesa com os adultos, nem a liberdade demasiada em que os filhos mandam e dominam os próprios pais.

Uma das grandes razões é que os pais pela contingência da vida moderna – difícil, exigindo trabalho de horas e horas fora do lar – não podem conviver tanto com os filhos. E aí entra a ação do escotismo: - os pais devem colocar os filhos no escotismo, é a melhor escola de obediência, disciplina, de amor ao próximo, de fraternidade, igualdade e patriotismo, além da escola, poderão pensar no escotismo que forma juventudes fortes de corpo e de alma (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Domingo 17 de agosto de 1958, nº. 971, ano XXIV, p. 06).

Sob a ótica do Cruzeiro, a rebeldia dos jovens da época seria contornada como um disciplinamento rígido no seu dia a dia, pois traria a obediência e um comportamento condizente com as práticas morais e cívicas da sociedade. Para Foucault essa modalidade se manifesta na perspectiva que os corpos juvenis se enquadrem em uma codificação do corpo como uma maneira de proporcionar utilidade social ao grupo da qual pertencem.

A modalidade, enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre um resultado e se exerce de acordo com uma codificação que se esquadrinha ao Máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 2004, p. 133).

Ao formalizar um discurso normatizador, o Cruzeiro busca disciplinar os jovens para que eles não cometessem os desvios sociais que se efetivavam com as práticas dos chamados “jovens rebeldes”. Nesse sentido, o jornal chama a atenção para que os jovens despertem para uma vida mais regrada nos bons costumes, uma vida composta de muita fé e com objetivos bem definidos para que se tenha, na cidade pessoas de bom caráter assim garantindo que os “bons costumes” fossem assegurados.

Seguindo a premissa da proteção, cujas práticas mantivessem correlação aos bons princípios, o jornal condenava todo e qualquer mal que pudesse desviar os jovens da sua “missão”, ou seja cuidar do país. Por isso que os vícios, como álcool e fumo eram combatidos para que se estabelecesse a paz entre os jovens diante dos males ocasionados por tais vícios. No caso da reportagem abaixo, o jornal chama atenção para o “novo veneno” existente naquele contexto, a maconha e como a mesma estava destruindo a vida de muitos jovens.

Está a sociedade, presentemente, ameaçada por mais veneno tremendo, que é maconha. Erva terrível que destrói a personalidade, brutalizando os sentidos de quem a usa, a maconha vem penetrando nos círculos sociais, como uma praga não menor do que o câncer, a tuberculose e a lepra. Pior ainda que estas últimas, pois que atingindo a estrutura psíquica do viciado, ela aniquila o que homem possui de mais nobre e elevado: a moral. A mocidade, notadamente, não pode ficar a mercê dos traficantes, dos indivíduos que nada mais, senão misérias, podem oferecer a vida daqueles que chegaram a sarjeta e a lama. E’ mister que se processa um trabalho intenso e continuado, não só das autoridades, como também da imprensa, no sentido de que se ponha paradeiro a essa verdadeira epidemia cujos resultados poderão vir a ser de imensa gravidade para o nosso povo (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão 22 de abril de 1956, p 03).

Em vista dessa questão nas páginas do periódico religioso, se projetava uma ideia de mocidade ideal, cujos princípios deveriam se resguardar na construção de jovens em que ações se baseariam nas ideias do Estado e Igreja. Desse modo, o jornal aponta:

Moços do Brasil e das diferentes partes do mundo, percebam as perspectivas da hora presente; meditei sobre o vasto programa com que os depostas homenageam as violências para bructalidades dos crimes; examinai os fundamentos da conduta civil e da moral das colectividades; compreendei o sentido objetivo das doutrinas apregodas dos pedagogos e sociólogos; ouvi o brado do destino (CRUZEIRO, Caxias, 02, de novembro de 1949, p.01).

O jornal o Cruzeiro acreditava que a juventude caxiense deveriam se comportar nos princípios religiosos enveredando-se pelos caminhos religiosos imbuídos de propósitos morais e cívicos com a cidade e com o país. A juventude deveria canalizar suas energias para atividades da igreja e do bem comum das pessoas necessitadas. Como também deveriam incorporar o espírito cívico, pois assim estariam se preparando para serem os “cuidadores” do futuro do país e da cidade de Caxias. (CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 1 de agosto de 1955, nº. 870, ano XXI, p. 01).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação, ou melhor, a força da representação se apontaria pela ótica em que seu valor teria uma correspondência com o *corpus* discursivo e imagético sobre o real, como também pela lógica expressiva que esta representação teria em movimentar um véu legitimador de áurea, de verossimilhança dentro do espaço social em que foi ou vem sendo instituída o pensamento sobre a ideia do jovem.

Assim, em seus discursos, o *Cruzeiro* normatizava identidades, representações sobre como devia ser um homem, na medida em que este pudesse corresponder aos anseios de um espaço social, de um grupo social ativo e com expressiva representatividade no bojo das relações dos sujeitos, no caso a Igreja Católica caxiense.

Dessa forma, a juventude, a ideia de jovem sob ótica do jornal Cruzeiro, evidencia, o quanto a normatização social, a sociedade do desejo, de jovens ideais se manifesta como uma prerrogativa nos discursos do periódico religioso. Nesse sentido, ao se preocupar com os jovens, o jornal demonstra qual o tipo de perfil ele deseja que exista dentro da sociedade caxiense.

NORMATIZING THE YOUNG DEVILS: CORPORATING IN THE CAXIENE SOCIETY MEN AND GIRLS DISCIPLINED UNDER THE JOURNAL CRUZEIRO (1946-1958)

Abstract: this article presents an analysis about the representations made in relation to the young, from the perspective of the Cruzeiro newspaper, a religious periodical that circulated in Caxias, during the first decades of the 20th century. In this way, we problematize discourses as a way of seeking to understand the words for the so-called ideal youth. Thus we identified that the religious newspaper sought to impress an ideal identity for the young Caxian, especially when he made mention of the “true” principles of the ideal young man for Brazil and Caxias.

Keywords: *Young. Speech. Representation.*

Nota

1 A utilização desse recorte temporal entre as décadas de 1940 a 1950 foi baseada no corpus documental referente as edições que conseguimos compilar sobre o periódico religioso.

Referências

ALVES, Luiz Felipe Nunes de. *Os Anos 50 E 60 nas Páginas de Panorama e Paraná em Páginas: o conservadorismo da imprensa Paranaense no contexto da Guerra Fria.* (Dissertação) Universidade Federal do Paraná UFP, Curitiba, 2009.

ATUNES, José. *Reminiscências século XX: em outros tempos de Caxias.* Rio de Janeiro: [s.n.], 2001.

BASSANEZI, Carla. *Mulheres nos anos Dourados.* In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil.* 9.ed. 1.reimpr. São Paulo: Contexto, 2008.

CAES, André Luiz. *Da espiritualidade familiar ao espírito cívico: a família nas estratégias de reestruturação da igreja (1890-1930).* (Dissertação - Mestrado) – UNICAMP, Campinas, 1995.

CERTEAU, Michel de. *Invenção do cotidiano: arte de fazer.* Trad. Ephraim Ferreira Alves. 14. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso.* 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. *Vigiar e punir.* Tradução de Raquel Ramalhete. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres do Sul.* In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil.* 9.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Do singular ao plural.* Recife: Edições Bagaço, 2006.

REIS, Miriam Ribeiro. *Negros Feitiços! As representações das práticas mágico-religiosas no periódico caxiense Cruzeiro nas décadas de 1930 a 1940.* (Monografia apresentada ao Departamento de História e Geografia) Caxias/MA, CESC, 2009.

RIBAS, Ana Claudia. *A “Boa Imprensa” e a “Sagrada Família”: Sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis – 1929/1959.* Dissertação (Mestrado), Florianópolis, 2009.

Fontes

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 2 de outubro de 1956.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 12 de maio de 1948.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 01 de maio de 1947 n°. 590.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão 19 de abril de 1947, n°. 589.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão 22 de abril de 1956, p 03.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão 25 de maio de 1958, n°. 962.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 1 de agosto de 1955, n°. 870, ano XXI.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, 17 de agosto de 1958, n°. 971, ano XXIV.

CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Segunda- feira, 01 de agosto de 1955, n°. 870.